

# “NA SAIA RODADA DE POMBA-GIRA<sup>1</sup> TEM DENDÊ”: ENSAIO ANTROPOLÓGICO DE PONTOS DE DESAFIO ENTRE MARIAS-PADILHAS, BRUXAS E CIGANAS

"Pomba-gira's skirt has dendê": Anthropological testing of challenge points between marias-padilhas, witches and gipsys

“En la falda redonda de pomba-gira hay aceite de palma”: Ensaio antropológico de puntos de desafío entre marías-padilhas, brujas y gitanas

Glacy Ane Araújo de Souza dos Santos <sup>2</sup>

## Resumo:

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma etnografia acerca das cantigas de disputa conhecidas como pontos de desafio entre as entidades de incorporação denominadas Pombas-Giras, Ciganas e Bruxas no contexto dos terreiros na cidade de Manaus. Como aporte teórico enveredamos uma discussão que discorre sobre cantigas de escárnio e maldizer na busca interpretativa do significado dos desafios entre espíritos femininos em festejos de terreiros.

**Palavras-chave:** Exu. Pomba-gira. Pontos de Desafio.

## Abstract:

The purpose of this paper is to present an ethnography about the dispute songs known as challenge points between the incorporation entities called *Pombas-Giras*, *Ciganas* and *Bruxas* in the context of the terreiros in Manaus. As a theoretical contribution we engage on a discussion that analyzes songs of derision and cursing in the interpretative search for the meaning of the challenges among female spirits in terreiro celebrations.

**Keywords:** Exu. Pomba-gira. Challenge Points.

---

<sup>1</sup> Pomba-gira também denominada de pombo-gira e bombo-gira são espíritos de incorporação com feminilidade presente, ou seja, possuem traços femininos como uso de longas saias rodadas, lenços e chapéus, maquiagem carregada, especialmente, nos tons preto e vermelho, voz e trejeitos suaves. No presente texto, pretendo utilizar de categorias nativas dos terreiros em Manaus. Assim, as categorias que utilizarei serão as de pomba-gira, bruxa e cigana.

<sup>2</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela UFAM e Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas e bolsista CAPES.

## Resumen

El propósito de este artículo es presentar una etnografía sobre las canciones de disputa conocidos como puntos de desafío entre las entidades de incorporación denominadas Pombas-Giras, Gitanas y Brujas en el contexto de terreiros en Manaus. Como aporte teórico nos embarcamos en una discusión que presenta canciones de desprecio y maldición en la búsqueda interpretativa del significado de los desafíos entre los espíritus femeninos en las fiestas de terreiros.

**Palabras clave:** Exu. Pomba-Gira. Puntos de desafio.

*“Abre a porteira, Exu  
Deixa a mulher passar  
Maria Padilha é  
Rainha do lugar”*

(Ponto de chegada de Pombo-Gira,  
autor desconhecido)

## Abrindo a porteira pra Exu-Mulher passar!

Preta, vermelha, rosa ou lilás. Tem até na cor branca. Pomba-Gira vestida no salão é sinônimo de festa e diversão. As vestes coloridas, as saias rodadas, o incenso aceso nos cantos do terreiro, o som dos tambores, os enfeites, a energia vibrante desses espíritos (porquê não dizer, dessas mulheres!) torna o ambiente mais alegre e festivo. Em reunião de pomba-gira tem bebida, comida, aperitivo, fumo, agitação e música. Tem festa!

Oriundas de vários lugares do Brasil e do mundo, essas entidades<sup>3</sup> femininas costumam cantar suas cantigas, comumente chamados de “pontos”, assim que chegam ao terreiro. Muitos desses pontos fazem referência à história de pomba-giras, bruxas e entidades ciganas. Maria Padilha Rainha das Sete Encruzilhadas é tida como uma *entidade mestra*, ou seja, um espírito de raríssima incorporação o que denota que sua presença em terreiros é pouco provável. A partir da história das entidades mestras podemos compreender a origem das demais. A Rainha das Sete Encruzilhadas, cortesã do século XIV, seria de origem espanhola e teria sido o primeiro espírito feminino de incorporação no Brasil na linha das Legbaras. Esta seria uma mulher alta, de cabelos longos pretos e de voz grave que se divertia na corte portuguesa com seu jeito atraente e fogoso. Dizem que Maria Padilha era muito cortejada, e por isso, demais invejada. Amante do rei Dom Pedro I de Castela, Maria Padilha teria sido presenteada com muitas honrarias por seu amado. Sua astúcia para artimanhas do amor acabou se consagrando Rainha após a morte da esposa do rei. Maria Padilha morreu de peste negra. Alguns relatos nos terreiros de Manaus afirmam que a Rainha das Sete Encruzilhadas ficou “presa” no mundo espiritual e deveria pagar pelo erro cometido. O termo “ficar presa” significa que esse espírito, ao morrer, não teria realizado a passagem para o mundo espiritual e este deveria concentrar esforços no sentido de garantir a não-incorporação no mundo terreno. Alguns adeptos dizem que o desejo maior de uma pomba-gira é de não mais vir à Terra. Elas desejam garantir que suas benfeitorias no plano terreno sejam convertidas em perdão por tais erros cometidos e, conseqüentemente, a ausência de sua incorporação nos terreiros. Enquanto outros divergem afirmando que a vontade de toda pomba-gira é beber, fumar, brincar e dar muita gargalhada!

---

<sup>3</sup> Entidade é categoria nativa para espíritos de incorporação. Em Manaus costuma-se falar em entidade para esses espíritos, quer sejam femininos (pomba-giras, bruxas, ciganas) ou masculinos (Zé Pelintra, Exu Caveira, Exu do Lodo e outros).

*Boa noite moço. Boa noite minha senhora  
Boa noite moço. Maria Padilha chegou agora.  
Mas ela vem de uma tumba derrubada  
Das 7 catatumbas  
Onde deixou seus camaradas.*

*Ela é Maria de domingo à segunda.  
Na boca de quem não presta  
Maria Padilha é vagabunda.*

*E a Maria bebe, a Maria fuma  
Maria 'bêba' vem trabalhar.  
Rufa tambor, maracá  
A Maria 'bêba' vem trabalhar.*

*Quando passar na porta do cemitério, moço  
Oi não se esqueça de olhar pra traz.  
Você vai ver  
Uma moça vestida de preto, moço  
Ela é Maria, Maria.  
Ela é Maria, Maria (4x)*

Outra entidade de grande renome é Maria Molambo. De origem nordestina, Maria Molambo teria sido abandonada pela família após fugir com seu amado e a filha. O marido fora morto e a filha retirada de seus braços. Ao vagar pela cidade, desvairada, prostituída, moribunda e em trapos, ela teria morrido com aproximadamente 40 anos junto a uma lixeira. A partir daí sua incorporação se deu de forma paulatina, tendo em vista que ela não se perdoava por seus pais não terem aceitado seu casamento furtivo a impedindo de ver sua criança.

*Ó que rua tão escura  
Que vem descendo a bela moça  
Com seu vestido de chita  
Estalando osso por osso  
Será que ela é Maria Padilha?  
Ou será  
Que ela é Maria Molambo?*

*Molambo Rainha divina  
A deusa encantada  
No seu 'gongá' tem segurança  
Ela tem sua história marcada  
Caminhou em tapetes de flores  
E nem sequer se importou  
Ela deixou  
Seus súditos chorando  
E foi viver no mundo da perdição  
Mas ela é rainha  
Ela é mulher  
Pedacinho de Molambo  
Pra quem tem fé*

*Dizem que a molambo vem do lixo  
Com sua saia cheia de nó  
Em cada nó  
Ela traz um inimigo  
Quem mexer com a Molambo  
Está mexendo com o perigo*

Muitos participantes de terreiro afirmam que Maria Molambo seria uma entidade trajando vestido feito de chita e roupa esfarrapada. Porém, em festejos de pomba-gira em Manaus, o que se observa são trajes muito bem delineados e com certo luxo na roupa e nos chapéus de Maria Molambo, o que denota uma singeleza presente somente na história da entidade e que não se configura em sua real aparição nos festejos.

Maria Padilha Rainha das Sete Encruzilhadas e Maria Molambo seriam entidades mais sombrias. Quando trajadas essas entidades fazem uso de lenços de cor preta e posam com chapéus de abas longas cobrindo parte do rosto. São figuras empoderadas que pouco falam; estas causam um certo temor entre os filhos de santo e mesmo os visitantes, especialmente aqueles que não estão acostumados com espíritos mais sérios e pouco afetivos.

Quando as entidades mestras<sup>4</sup> estão presentes nos terreiros é comum observar a reverência das demais entidades. O festejo inicia com a entidade do terreiro abrindo a roda e os demais espíritos incorporados presentes entoando as cantigas. As entidades mestras costumam realizar os pontos de entrada.

*Deu meia-noite. Foi quando a lua apareceu  
Lá na encruzilhada  
Dando a sua gargalhada, a pombo-gira apareceu*

*Ê Laroyê, ê laroyê, ê laroyê  
Ê Mojubá, ê mojubá, mojubará  
Ela é odara, quem tem fé nessa Legbara  
Ê só pedir que ela vai dar*

Ou ainda:

*Na minha casa não tem parede  
Não tem teto e nem não tem nada  
Aonde é? Aonde é que a Gira mora?  
A Gira morada na encruzilhada*

*Arreda homem que aí vem mulher (2x)  
Ela é Maria Padilha, rainha do cabaré  
Ê uma negra feiticeira, mulher de Lúcifer  
Tranca Rua vem na frente pra mostrar quem ela é*

*Balança figueira, balança figueira  
Balança figueira, eu quero ver Exu cair  
Exu cai. Ê da figueira (2x)*

<sup>4</sup> Espíritos mestres são aqueles que comandam falanges ou ainda são os grandes mantenedores dos segredos dos catimbozeiros. Esses espíritos costumam doutrinar os demais que chegam nos terreiros. Atuam na forma de curandeira e com a forte presença de espiritualidades indígena e negra. Nos terreiros manauaras é comum mencionarem as entidades femininas Dona Paulina, Leviana, Liana, Chiquita Preta e Fausta como mestras.

*Mara é mara é mara, é Marabô (2x)  
Exu é pequenininho  
Mas é bom trabalhador*

A cantiga seguinte é uma das mais entoadas em terreiros de Manaus:

*Oi abre a roda  
Oi deixa a pomba-gira passar (2x)  
Mas ela tem peito de aço, ela tem peito de aço e um coração de sabiá*

*Juraram de matar essa rolinha  
Juraram de matar essa mulher (2x)  
Mas ela tem peito de aço, ela tem peito de aço e um coração de sabiá*

Um ‘peito de aço’ implica em bravura, rigidez e destemor bem como ‘coração de sabiá’ a certeza de que esse espírito não tem finco em raízes e é livre como os pássaros. A certificação dessa personalidade bravia e sorradeira das Legbaras é visualizada a partir de outro ponto que diz:

*Pomba-gira ganhou um marafo  
E levou na capela pro padre benzer  
Perguntou pro sacristão  
Se na batina do padre tem dendê  
Tem dendê  
A batina do padre tem dendê  
Tem dendê, tem dendê  
A batina do padre tem dendê*

Assim como na “batina do padre tem dendê”, onde se recorre para pedir auxílio, pois sabe-se que o sacerdote é poderoso, também em saia de pomba-gira tem dendê. E se tem dendê é porque tem feitiço. Feitiço esse para o bem ou para o mal. Entendendo que o bem pode ser traduzido em feitos prodigiosos na “amarração”<sup>5</sup> do(a) parceiro(a), ou seja, na fixação do amor ao seu lado, na realização de “trabalhos”<sup>6</sup> para saúde do solicitante, de parentes ou amigos, de sucesso financeiro e abertura de caminhos. Assim como para o mal pode vir a ser traduzido em trabalhos para separação de casais, adoecimento de pessoas inde-sejáveis, até mesmo a morte daqueles que impedem o crescimento pessoal do solicitante.

---

<sup>5</sup> Como a cantiga de amarração “Amarre o cabra. É no mouro e no mourama. E amansa o cabra. É no mouro e no mourama”. Ou podendo cantar um ponto cigano “Dói, dói, dói demais/ Um amor me faz sofrer/ Dois amor (sic) me faz chorar/ No tempo que ela tinha dinheiro/ Os homens queriam lhe amar/ Mas hoje o dinheiro acabou/ A velhice chegou/ Ela se põe a chorar”.

<sup>6</sup> Trabalho é categoria nativa presente no linguajar dos terreiros. Realizar trabalhos significa produzir feitiços que podem ser executados pelos espíritos de incorporação ou pelos pais-de-santo/mães-de-santo quando na emergência de uma solicitação de clientes. Comumente, os trabalhos de feitiçaria são realizados pelos espíritos em momentos oportunos, em que o cliente expõe os motivos de sua queixa. É nesse momento que o espírito realiza as operações mágicas na presença e/ou não do consulente.

### Padilhas, Ciganas, Marabaias e Bruxas: entidades feiticeiras

As Marias-Padilhas integram um conjunto de outros espíritos femininos que circulam pelo terreiro. É comum observar os nomes de tais espíritos quando estas entoam cantigas ou chamam em voz alta as 'parceiras' no festejo. Assim ouvimos os nomes de Maria Padilha das Sete Encruzilhadas<sup>7</sup>, Maria Padilha do Cruzeiro, Maria Padilha da Estrada, Maria Padilha das Almas, Maria Quitéria, Maria Navalha, Maria Serpente, Dama da Noite.

*Olha a Pomba girê, olha a Pomba-Gira*  
*Olha a Pomba girê, olha a Pomba girê, olha a Pomba-Gira (2x)*  
*Pomba-Gira tem 7 maridos*  
*Olha a Pomba girê, olha a Pomba-Gira*  
*Pomba-Gira da saia rodada*  
*Que bebe, que fuma*  
*Na encruza fechada, olha a Pomba girê.*  
*Olha a Pomba girê, olha a Pomba-Gira*  
*Olha a Pomba girê, olha a Pomba girê, olha a Pomba-Gira (2x)*  
*Pomba-Gira Maria Molambo, Maria Padilha, Rainha das Almas*  
*Pomba-Gira das 7 Encruza, Rainha do Lodo,*  
*Cigana é falada, olha a Pomba girê.*

Há outras entidades femininas que estão presentes entre as marias-padilhas, porém são chamadas de *Marabaias*. Esses espíritos femininos costumam associar-se ao ambiente das ruas, encruzilhadas, cemitérios (domínio espiritual das pomba-giras) bem como outros ambientes como praia ou mar. As marabaias são espíritos que também possuem inter-relação com o povo cigano e por isso são tidas como entidades livres e mais harmoniosas e festivas que as marias-padilhas. Exemplo disso é a história de incorporação da entidade Gira da Praia ou Maria da Praia, mulher aventureira que teria vivido entre os ciganos e teria sido morta na praia após assassinar seu companheiro. Rosa Malandra (ou 7 Rosas), Sete Maridos, Sete Saias e Dona Dinorá também são marabaias e sempre que são convidadas surgem em festejos de entidades ciganas. O babalorixá André de Oxum me informou que as marabaias podem ser mulheres ciganas que foram expulsas de suas tribos por erros cometidos ou por serem estéreis ou ainda mulheres que, quando crianças, foram criadas por povo cigano.

Essas entidades sempre são invocadas a responder por trabalhos de prosperidade por parte de seus solicitantes que lhe são devotos:

*Vinha caminhando a pé*  
*Para ver se encontrava uma cigana de fé (2x)*  
*Ela parou e leu a minha mão*  
*E disse a mais pura verdade*  
*Amigo, você não se engana*  
*Pomba-gira cigana*  
*É uma legbara de fama!*

<sup>7</sup> Maria Padilha das Sete Encruzilhadas não é a mesma Maria Padilha Rainha das Sete Encruzilhadas. Esta última é entidade que comanda a falange (linhagem) das marias-padilhas.

*Dizem que pombo gira é uma rosa  
Que mora no meio dos espinhos  
Oi dizem que pombo gira é uma rosa  
Pombo gira é uma rosa e vai abrir os seus caminhos*

A linha das Ciganas envolve espíritos femininos que também tiveram passagem no plano terreno. As ciganas, quando incorporadas, são muito vaidosas usando enormes saias rodadas. Ciganas são conhecidas pelo colorido das vestes e dos longos véus que depositam na cabeça bem como o uso de coroas ou tiaras. Diferentemente das marias-padilhas, os espíritos ciganos são tidos como afetuosos e sorridentes.

*Oi tem, tem, tem  
Lá no Egito tem (2x)  
Lá no Egito tem uma cigana baiadeira (2x)*

*Lá no céu do Oriente  
Uma estrela clareou  
Na magia do encanto  
Do encanto e do amor*

*Lua brilhou no mar  
Serenou, serenou pra te amar (2x)  
Se ele te ama ele vem pra ti  
Se ele te ama ele vai te procurar (2x)  
Meu rio transbordou de amor  
Não sei porque ele me deixou  
Ai ele brigou comigo  
Aquela puta roubou o meu marido  
Eu vou lutar por ele  
Eu vou fazer uma amarração (2x)  
Pensa nele de novo  
Gira Cigana vai lhe dar em suas mãos (2x)*

*Trancelim de ouro  
Chuva fina não me molha (2x)  
Se você não me quiser  
Outro vem e me namora  
Se você não me quer bem  
Outro vem e você chora*

Cigana baiadeira é termo para espírito brincalhão, que se diverte ‘baiando’, ou seja, dançando alegremente. Ciganas gostam de receber presentes dos visitantes do terreiro e clientes, mas não são espíritos de ofertar algo de forma corriqueira. Como observado na cantiga:

*Ganhei uma barraca velha  
Foi a cigana quem me deu  
O que é meu é da cigana, é da cigana  
Mas o que é dela não é meu*

*Olha a cigana puerê, puerê puerá  
Ciganinha puerê, puerê puerá*

As entidades ciganas mais conhecidas na cidade de Manaus são Cigana Suzelina, Cigana Nara da Lua, Cigana Celina<sup>8</sup>, Cigana Sulamita, Cigana Cartomante, Cigana do Pandeiro, Cigana da Estrada, Cigana Ramirez<sup>9</sup>, Cigana Alaô, Cigana Esmeralda. Espíritos ciganos são, em sua maioria, oriundos da Índia. Suas andanças pelo mundo acabaram por consagrar outros espíritos como os do Egito e Pérsia. O povo cigano tem como padroeira Santa Sara Kali. Todos os anos, no dia 24 de maio, as entidades ciganas demonstram devoção à santa realizando um festejo, que em Manaus é chamado de Chá Cigano (*Tcháyo Romanó*), a fim de dividir as bem-aventuranças da santa aos participantes do terreiro.

O Chá Cigano é uma cerimônia bonita de ser apreciada onde a noite é predominada pelo aroma dos incensos e a calmaria na oferta do chá pelas entidades ciganas. Antes de iniciar a cerimônia da oferta do chá, as entidades ciganas (somente as femininas) fazem uma grande roda juntando as mãos uma das outras realizando uma prece a Santa Sara Kali. Aberta a cerimônia do chá, o público é convidado a apreciá-lo, onde as mulheres presentes são as primeiras a serem servidas. Ao chegar frente à entidade cigana, a mulher deve se ajoelhar, pegar a xícara em suas mãos e rezar em conjunto com a entidade que, em suma, faz a prece em voz baixa. Retirando-se do local em silêncio, a pessoa deve tomar o chá e evitar conversar. Segundo as entidades ciganas, o silêncio permite visualizar mentalmente o seu desejo, além de facilitar a sua realização tendo em vista que as entidades se conectam com o mundo espiritual com o fim de concretizar os pedidos solicitados. Para isso a conexão é fluida se produzida no pedido silencioso.

Outra linha de incorporação se dá entre as bruxas. Esses espíritos não se enquadram entre as Legbaras nem entre o povo cigano. As entidades bruxas são temidas bem como as entidades mestras. Suas vestes são na cor preta, onde algumas portam sempre lenços pretos amarrados à cabeça podendo ou não fazer uso de chapéus também de cor preta. Nos terreiros de Manaus, as bruxas se inserem somente nos festejos onde tem marias-padilhas e marabaiais; nunca entre as entidades ciganas. As mais conhecidas em Manaus são Cassiana, Sapecada, Liana e Leviana. Geralmente, entidades bruxas ao entrar em roda cantam pontos de pomba-giras.

*É um mavile é mavambo  
É compensuê  
A a á. É compensuê*

<sup>8</sup> As ciganas Suzelina, Nara da Lua e Celina são três irmãs ciganas da *natsia Rom* (família que agrega as *vitsas Kalderash* e *Vlax Romani*, tidos como sub-grupos mais 'autênticos' do povo cigano), além dos irmãos Vladimir e Pablo. Em Manaus, a cigana Celina é conhecida como "Cigana do Véu" e sua irmã, Nara da Lua, é reconhecida em sua história por ter se envolvido com um *gadjo*, um homem não pertencente ao povo cigano. Sobre o povo cigano, cf. o artigo de Regina Rossi Hilckner e Mauro Hilckner "Ciganos: um mosaico étnico" (2012).

<sup>9</sup> Para a produção desse artigo, agradeço, especialmente, ao Babalorixá Arlison de Oxum Karê do Ilê Axé Afará Biwá, ao Babalorixá André de Oxum Karê, ao dofono Jhonne de Exu, bem como ao Babalorixá Alexandre de Yemojá do Ilê Axé Opô Onondoiyá pelas informações concedidas em conversas informais realizadas para acréscimo de informações acerca das entidades mulheres. Todos esses interlocutores incorporam com pomba-giras ou ainda com entidades ciganas. O babalorixá Arlison de Oxum incorporou com a cigana Ramirez pela primeira vez no ano de 2006 enquanto o babalorixá André de Oxum incorporou com a marabaia, Dona Rosa, aos 14 anos de idade e desde o ano de 2014 incorpora com a cigana Suela. O jovem Jhonne de Exu incorpora desde os 20 anos de idade e sua pomba-gira Rosa Caveira "rodou" em sua cabeça em 2015. O babalorixá Alexandre de Yemojá incorporou a cigana Nara da Lua aos 18 anos de idade no ano de 1999.

*É um mavile, mavile  
É um mavile ilê quê  
É compensuê  
A a á. É compensuê*

*Exu apavenã, exu apavenã (2x)  
Na sua aldeia ainda é  
Exu apavenã<sup>128</sup>*

Gargalhadas de pomba-giras, bruxas e ciganas ecoam no terreiro. Elas chamam atenção pelas vestes e pelo espírito gozador. É no momento das cantigas que elas assumem suas historicidades e se desafiam frente aos tambores. Lá pelo meio da festa, uma pomba-gira pode iniciar as cantigas:

*Maria Padilha não morreu  
Eu vou dar parte ao delegado  
Eu vou chamar Maria Molambo pra pisar no pilão deitado  
Pisa no pilão, no pilão deitado (Várias vezes)*

Quando uma pomba-gira dança essa cantiga, ela pisa no pilão, ou seja, ela aceita o desafio de dançar freneticamente frente ao tambor erguendo o vestido e sacolejando os quadris, enquanto produz estalos com os pés no chão. O som do estalar no chão é aceitabilidade de que encarou o desafio e não arregou<sup>129</sup>. Assim, as demais entidades são chamadas a pisarem no pilão!

Há alguns anos em uma festa no terreiro de um pai de santo no bairro Cidade de Deus, zona leste de Manaus, conheci uma entidade por nome Dona Paulina. Era uma pomba-gira mestra incorporada em um jovem rapaz, que anos após, tornar-se-ia babalorixá na cidade. A pomba-gira não costumava usar lenço na cabeça e portava vestes na cor preta e saia rodada. Iniciou uma cantiga que ficou conhecida na cidade de Manaus por ser entoada sempre por essa entidade:

*Gatinha que dança é essa que o corpo fica todo mole (2x)  
É uma dança nova que bole, bole, bole, bole  
Bole, bole, bole, bole ô gatinha (Várias vezes)*

O mais interessante nesse evento foi a surpresa dos demais ao ouvir essa cantiga, tendo em vista que é uma música composta pelo grupo de pagode Exaltasamba. Porém, em outras festas de pomba-giras em que estive presente, algumas entidades entoaram essa música com o fim de divertir os demais e, por vezes, lembravam daquele espírito.

### **O desafio das Legbaras: Exu-Mulher na roda**

Em festa de Exu é comum uma entidade iniciar os desafios na roda dos Exus onde as demais se encontram frente aos tambores ou circulam entre os presentes consultando clientes e divertindo a plateia. As entidades reunidas iniciam a cantiga:

*É uma casa de pombo. É de pombo gira (2x)  
Aê aê aê aê  
Aê éá, Maria Padilha é mojubá*

Para iniciar o desafio, ocorre da maioria delas fazer uso do ponto a seguir:

*Olho de coruja matou meu pé de pião  
Meu pé de arruda macho, meu pé de manjeriço  
Oh sai, sai, sai  
Sai de perto de mim coisa ruim*

Ao que a outra entidade responde:

*Diabo velho vou cortar teu chifre  
Vou cortar teu rabo e vou dar pra Exu  
Da tua língua vou mandar fazer um chicote  
Pra bater nas costas de quem fala mal de mim  
Fala mal de mim mas só não fala por detrás (2x)  
Oi pega ela, Diabo  
Pega ela, Satanás.*

Uma Legbara entra na roda e entoa:

*Exu não brinca, exu não é de brincadeira (2x)  
Onze horas plantou bananeira  
Meia-noite ela deu cacho  
Meia-noite não maturou, exu botou bananeira 'embaixo'  
Ferrabrás, Ferrabrás. A mulher do Diabo é Satanás*

Algumas fazem uso de cantigas de Exus homens, de entidades masculinas para responder ao desafio imposto pela primeira a entoar na cantiga no terreiro.

*Lá na cancela  
Eu deixei meu sentinela (2x)  
Eu deixei Seu Tranca Rua  
Tomando conta da cancela  
Eu deixei Seu Marabô  
Tomando conta da cancela  
Lá na cancela  
Eu deixei meu sentinela (2x)  
Eu deixei Seu Tiriri  
Tomando conta da cancela  
Eu deixei Zé Pelintra  
Tomando conta da cancela*

*Tem morador  
Decerto tem morador (2x)  
Na terra de galo canta  
Decerto te morador (2x)*

*Mara é mara é mara Marabô (2x)*

*Exu é pequenininho*

*Mas é bom trabalhador*

*Foi na Umbanda*

*Que eu conheci Exu (2x)*

*Foi numa roda de amor*

*Que eu conheci Marabô (2x)*

*O sino da igreja faz belém, blem blom (2x)*

*Deu meia-noite o galo já cantou*

*Seu Tranca Rua que é dono da gira*

*Vem correr gira que Ogum mandou*

*Seu Tranca-Rua me cubra com sua capa*

*Quem tem sua capa, escapa (2x)*

A seguir um ponto de Exu mestre, Zé Pelintra<sup>10</sup>:

*Foi ele mesmo que cortou o pau*

*Foi ele mesmo que fez a jangada*

*Foi ele mesmo que matou a moça e jogou seu corpo na encruzilhada*

*Embala meu pai, embala*

*Embala nesse bangalô*

*Embala meu pai, embala*

*Zé Pelintra é doutor*

Podendo sofrer variações, o ponto acima revela parcialmente a história do exu de incorporação José Pelintra ou Zé Pelintra, malandro carioca da Lapa, capoeirista e boêmio, galanteador de muitas mulheres do ambiente carioca vindo a ser assassinado no final do século XIX. Faceiro, o mestre Zé Pelintra não tinha pudor em enganar alguém. Nessa cantiga especificamente, a entidade que o entoia ressalta a imponência do ato violento e da sanguinolência da entidade.

Entidades que incorporam há mais tempo em seus filhos têm mais habilidade na condução das cantigas de desafio que os recém inseridos no mundo da espiritualidade. Assim, é conveniente que uma entidade que se fez presente recentemente em seu filho não participe desse momento para não passar por constrangimento ou vergonha em meio às demais entidades ‘mais velhas’. Entende-se que esses espíritos estão guerreando em solo. As falas, gargalhadas, o brilho das roupas e o tintilar dos ouros, pratas e cobses de seus braceletes completam o espetáculo dos desafios. Interessante notar que em alguns momentos essas entidades femininas pleiteiam seu lugar no coração dos homens ressaltando a garbosidade de suas conquistas amorosas:

---

<sup>10</sup> Zé Pelintra é uma entidade masculina tido como Mestre e que costuma vir em festas dedicadas ao povo da rua como pomba-giras, festa de Malandro, festa de Jurema (juremeiros, catimbozeiros) ou ainda em festas de Caboclos (linha de Baianos) e Pretos Velhos. Há uma cantiga bastante conhecida entre os praticantes que retrata sobre a vida desta entidade: “O morro de Santa Teresa está de luto/ Porque Zé Pelintra morreu/ Ele chorava, ele chorava/ Ele chorava por uma mulher que não lhe amava”.

*Se no inferno não tivesse mulher  
O Diabo não tinha chifre (2x)  
Rapariga é: mulher de sete maridos  
Maria Padilha é: mulher de sete maridos  
E pomba-gira é: mulher de sete maridos*

*No Candomblé da Bahia  
Eu avistei pomba-gira  
A senhora desse ilê  
A rainha dessa gira  
Pomba-gira porque mataste o rapaz?  
O homem mata e vai preso.  
Pomba-gira mata e não vai*

*Padilha na mesa do bar  
Pra beber e cantar  
E viver de alegria  
Padilha é mulher encantada  
Rainha da encruzilhada  
E senhora da magia*

Mas se um espírito cigano estiver na roda, o ponto é mais vibrante, porém não menos desafiador em torno dos enlaces amorosos desse povo multicolorido:

*Quando eu ia pra batalha  
Passava na rua do meu amor (2x)  
Minha vizinha acenava para mim  
Vá com deus minha querida  
Seja feliz assim*

*Coitadinha dela  
Mal sabia ela  
Que o meu amante era o marido dela  
Coitadinha dela  
Que peninha dela  
Matou meu homem  
Que era o marido dela*

Quando se trata de desafio, se uma pomba-gira o encara deve entoar seus pontos com bastante proeza, pois sabe que logo será rebatida:

*Xô, xô. Urubu quer me comer (2x)  
Vou subir na cumieira  
Ninguém me viu, ninguém me vê  
Vou chamar uma feiticeira  
Para vir me defender*

Encarado desafio, uma outra entidade logo responde:

*A minha saia é uma papoula rodada  
Que joguei na encruzilhada  
Pra amarrar o macho teu  
Velho de longe e não sou uma quiumba  
Venho das sete catatumbas  
Pro teu macho dominar*

Ao que a entidade pode enfrentar sua parceira de tambor entoando:

*Passei na encruzilhada  
Encontrei uma panela de angu (2x)  
Galinha preta, farofa amarela  
Pescoço de ganso, pena de urubu (2x)*

Ocorre de uma entidade questionar a “identidade” do espírito que está na roda realizando o desafio. Assim, surge o seguinte ponto:

*Ainda não me louvou quem tu eras (2x)*

Ao passo que a outra pomba-gira responde evidenciando sua origem e, muitas vezes, seu nome. Nesse momento, segundo o Babalorixá Arlyson de Oxum, a pomba-gira “Pergunta quem é e a outra deve responder seu enredo”, ou seja, revelar seu nome de espírito.

*Reis de nagô, reis de nagô  
Ai, ela vem girar  
Reis de nagô (2x)*

*E na encruzilhada  
E no cemitério  
Maria Molambo vem saudar reis de nagô*

*E na encruza ela é Exu  
No rio uma correnteza  
No sorriso de Maria  
Bota pra fora tristeza*

*Olha Molambo  
Rainha divina, uma deusa encantada  
No seu gongá tem segurança  
Ela tem sua história marcada*

*Caminhou em tapete de flores  
E nem sequer se importou  
Ela deixou seus súditos chorando  
E foi viver no mundo da perdição*

*Mas ela é rainha  
Ela é mulher  
Pedacinho de Molambo  
Para quem tem fé*

Revelada a origem da entidade, um outro espírito de rua cantarola de modo desafiante frente ao atabaque um dos pontos mais conhecidos em terreiro:

*Rapariga pobre despeitada com a rica (2x)  
Trabalha negra, trabalha  
Não inveja minha vida*

E a pomba gira responde o desafio:

*Eu não sou pobre, nem invejo tua vida (2x)  
Eu só quero o que é meu  
Sua ladra rapariga*

O ponto de desafio acatado e novamente desafiado:

*Tentaram me matar com um copo de veneno (2x)  
Se quiser matar, me mate  
Que beber, eu bebo mesmo.*

Esse ponto pode sofrer variação como o seguinte:

*Tentaram me matar na porta de um cabaré (2x)  
Ando de dia, ando de noite  
Só não mata quem não quer*

Podendo uma cigana entrar na roda e cantar:

*A flor do lírio ela é cheirosa  
A flor da jurema é maravilhosa  
Eu vim aqui por um capricho  
É pra matar as invejas  
É pra matar as invejosas! (várias vezes)*

Ao que outra cigana pode vir a responder o desafio:

*Estava sentada na areia  
Foi quando a aliança perdeu  
Aliança de um grande amor*

*Foi meu amor quem me deu  
Olha, não gosto de rapaz solteiro  
Porque dinheiro não tem  
Olha, eu só gosto de homem casado  
Pra fazer raiva à mulher  
Pra fazer raiva à mulher (várias vezes)*

As ciganas podem fazer uso de um ponto para rebater o desafio:

*Lagoa grande  
A cigana foi pescar (2x)  
Peixe grande não me engole  
Pequeno quer me engolir*

Um modo comum de desafiar uma pomba-gira é cantar pontos de demanda desafiando outras entidades como este a seguir:

*Estava sentada na linha  
Comendo farinha quando o trem passou  
Jogaram a caixa de martelo que veio do inferno  
Que o diabo mandou  
Mandada não sei de onde  
Trazida não sei por quem  
Pra fazer não sei o quê  
E entregar ela sabe a quem*

Respondendo aos despeitos das outras, uma entidade responde

*Pomba-gira trabalha  
De domingo a segunda (2x)  
Na boca de quem não presta  
Pomba-gira é vagabunda  
Oh girê, girê  
Oh girê, girá  
Pomba-gira tem 7 maridos  
Mas não pode se casar*

Festejo de pomba-gira tem seu fim. Entidades precisam deixar seus filhos e filhas descansarem, afinal são horas de incorporação. Mas se está na hora de ir embora é necessário cantar para subir, entoar cantigas abraçando as entidades que se retirarão.

*Galo cantou é hora, é hora  
Maria Padilha se despede e vai embora*

*Maria Padilha se despede e vai embora (2x)*  
*É na boca da mata, é na encruzilhada*  
*Que ela mora*

*Quando o sino da encruza*  
*Der as 12 badaladas*  
*E o Maioral lhe chama*  
*Ela vai pra encruzilhada*  
*Vai por uma estrada tão florida*  
*Vai ver sua morada o que é que há*  
*Ela vai girar, ela vai girar*  
*Ela vai girar, ela vai unló*  
*Ela vai girar, ela vai girar*  
*Vai ver sua morada o que é que há*

Elas se retiram ao som dos tambores prometendo voltar sempre que forem chamadas a resolverem problemas humanos ou por simples diversão e transmitir alegrias.

### **Pontos de desafio sob a ótica das cantigas de escárnio e maldizer**

Pomba-gira é mulher sexual e sensual. É desordeira, é conselheira. De origem nobre ou humilde, essas mulheres sedutoras e provocantes, brilhantes e perfumadas atraem olhares por onde passam nos terreiros. Suas atividades atendem a pedidos de auxílio nas finanças bem como nas aventuras do amor e da paixão.

Entendendo Exu como símbolo de caminho e (des)caminhos, as entidades femininas, especialmente pomba-giras e ciganas assumem, por vezes, o papel de psicólogas e mediadoras de conflitos. No que diz respeito ao âmbito dos terreiros é comum as divergências ocorrerem nesse interior. Muitas vezes, sacerdotes e sacerdotisas dos terreiros cedem lugar às entidades para resolução de problemas maiores e que envolvem praticidades do mundo espiritual. Nesse sentido é interessante observar que tais entidades encaram os filhos de santo como seus filhos e agem como verdadeiras matriarcas espirituais no campo da religiosidade. Influenciam nas decisões maiores da casa, inclusive, trazendo notícias dos mundos das deusas e deuses africanos, o que acaba por aproximar ainda mais essa relação da entidade/filhos de santo.

Em alguns terreiros pude observar que os filhos mais velhos tomavam a decisão de organizar as festas do terreiro e delegavam tarefas mais pesadas aos mais novos. Com o imperar dos conflitos, a entidade adentrava ao terreiro (às vezes ocorria do babalorixá incorporar de forma súbita e inesperada) e conclamava uma reunião às pressas. Os filhos de santo encaram essa situação incomum como sinal de advertência. Assim, a pomba-gira assume, ainda que momentaneamente, a mediadora dos eventos conflitivos no interior do terreiro; pomba-gira sensibiliza filhos e clientes. Interessante notar que, ainda que essas entidades expressem jogos de sedução e voluptuosidade são elas que atuam na sensibilidade maternal e psicológica no pragmatismo das coisas do terreiro e na afetuosa relação com clientes e filhos de santo.

Mas se tem festa no terreiro, as entidades vêm para se divertir e “causarem” com suas saias rodadas, brilho nas roupas e joias, perfumes de aroma adocicado, floral ou forte, leques de todos os tamanhos, além de desfilarem com suas taças coloridas e mesmo sofisticadas. Reginaldo Prandi (1996, p.10) analisa as pombas-giras enquanto espíritos brincalhões e de pouca confiança. No que diz respeito aos festejos dedicados a elas, o autor argumenta:

Nas grandes festas de exu e Pombagira, especialmente nos terreiros de candomblé em que há o costume de se oferecer apenas uma grande festa anual para essas entidades, Pombagira vem para se divertir, dançar e ser apreciada e homenageada, conforme o padrão do culto aos orixás, os quais jamais dão consultas, conselhos ou receitas de cura durante o transe de possessão. Um toque de pombagira sempre tem o clima de festa e diversão, apesar do clima geralmente sombrio e das expressões muito estereotipadas do transe.

A crítica que o autor faz, especialmente, quanto ao clima sombrio, se revela apropriado às entidades mais sérias e garbosas como citei em páginas anteriores. Especialmente, entidades mestras e bruxas trazem identidades austeras e empoderadas, o que não abala o colorido do festejo e das muitas gargalhadas ecoando no terreiro.

São múltiplas as identidades desses espíritos. Assim, é possível ver a relação dos filhos de santo e clientes, além de curiosos no terreiro para com as entidades. Mulheres queixosas de amores fustigados se dirigem mais às entidades ciganas. Homens e mulheres desejosos no crescimento profissional e busca de novos horizontes nos negócios recorrem às mestras e bruxas. Se apenas desejam sorrir e brincar divertem-se junto às pombas-giras de rua e marabaias. Porém, nada disso é taxativo ou excludente. Ciganas também podem ouvir consulentes que buscam um novo emprego bem como bruxas costumam participar de rodas de conversa em que filhos de santo e clientes revelam dúvidas quanto a um breve namoro ou um casamento frustrado.

Pomba-gira diverte-se e isso é quase uma ordem, lei nas festas! Quando se dirigem frente aos tambores, as entidades trazem para si os olhares costumeiros e curiosos, que desejam ouvir suas histórias, amores e dissabores, felicidades e discórdias, vida e morte, presentes em suas cantigas.

E as cantigas, aprofundadas em seu vasto conteúdo e singular (tendo em vista que cada entidade carrega uma história), reiteram a intrínseca relação de espíritos e seres humanos, numa busca quase incessante em ouvir e ser ouvido, em conhecer e ser reconhecido.

José D'Assunção Barros (2005), ao discutir acerca das cantigas de escárnio e maldizer, nos possibilita dialogar conjuntamente aos pontos de desafio empreendidos por pombas-giras, bruxas e ciganas em terreiros da cidade de Manaus. Se as cantigas de escárnio têm como objetivo ironizar ao se falar mal de alguém, as cantigas de maldizer, por sua vez, são sempre mais diretas, que utiliza palavras maldosas na crítica às pessoas. As cantigas trovadorescas, segundo Barros, uma *disputatio* lírica, denominado *tenções* tinham por objetivo debater sobre temas e improvisar versos com o fim de depreciar alguém; podendo ser o rival trovador ou uma terceira pessoa. Cabe aqui citar as observações do autor quanto a essas cantigas:

Mas não eram as tenções o único gênero que se prestava ao combate lírico. Podem ser citadas como cantigas intensamente dialógicas os diversos escárnios e cantigas de mal dizer que eram tão comuns nos meios trovadorescos galego-portugueses, e que completam com as tensões a principal tríade de gêneros satíricos que eram explorados pelo trovadorismo ibérico entre os séculos XIII e XIV.

Para além de a própria poesia satírica abrir espaços dentro de si para diversas vozes internas que podiam representar toda uma diversificada gama de tipos sociais, queremos chamar atenção neste momento para aqueles escárnios e cantigas de mal dizer que geravam novas cantigas. Assim, por vezes um destes escárnios que aparecem amiúde nos cancionários medievais ibéricos podia gerar uma resposta do trovador atingido, que acabava compondo a sua réplica para se defender das desfeitas e acusações que lhe haviam sido imputadas. O mesmo trovador que antes o atacara, ou então um outro, podia retomar a peleja compondo uma nova cantiga – e assim se gerava uma verdadeira cadeia de escárnios que se configurava em uma espécie de “tenção mais ampla”. Só que, ao invés de estrofes que se alternavam, estas “macrotenções” alternavam poemas inteiros,

verdadeiras constelações de poemas satíricos. Além do fato de que diversos trovadores podiam entrar neste “concerto” de cantigas satíricas, também não precisavam ser respostas imediatas; podiam ocorrer a qualquer momento nos saraus palacianos (BARROS, 2005, p.16-17, grifos meus).

De modo semelhante, podemos inferir que, em uma disputa de pontos improvisados por pombas-giras, bruxas e ciganas, o desafio maior está em se sair bem frente às demais, ainda que inferiorizando a posição da entidade primeira. Lembro que meus informantes, os babalorixás Arlyson de Oxum e André de Oxum, haviam dito que os pontos de desafio são como ‘brincadeiras de Exu’, ou seja, brincadeiras entre espíritos, mas que em alguns festejos parece encenarem um duelo de titãs! Enquanto algumas dessas entidades brincam de duelar como nos refrões “*Olho de coruja/ Matou meu pé de pião/ Meu pé de arruda macho/ Meu pé de majericão*” referindo-se a uma pomba-gira invejosa e que tem “olho gordo”, outro ponto de desafio demarca o feitiço na ponta do punhal da entidade, pois conforme o refrão “*Exu tem chifre/ Exu é doutor/ Eu vou calar a boca/ Daquele falador/ Eu quero ver você poder/ Eu vou jogar você na cova/ Pro Caveira te comer/ Desafiou/ Não tenho dó/ Eu quero ver seu galo preto/ Apanhar do meu carijó*”, a entidade lança fortes feitiços sobre a outra. As entidades que têm feitiços potentes são chamadas por vezes de bruxas ou “quiumbas”, espíritos que trazem malefícios, desordem em seus caminhos. Mas, em geral, aprende-se que no terreiro, as entidades dominam elementos do mundo sobrenatural valendo-se do ‘bem’ e do ‘mal’.

Sobre os pontos de desafio, o babalorixá Arlyson de Oxum explicou:

Na verdade quando as entidades estão cantando pontos de desafio é no intuito de desafiar a outra entidade mesmo. Ou por brincadeira ou por raiva. Um dos dois. Às vezes a entidade desafia a outra porque ela está com aborrecimento. Às vezes aquele atrito entre dois espíritos e ficam desafiando pelo fato de desafio de aborrecimento, que está aborrecido. E acredita que aquela entidade talvez esteja ou não esteja ou queira, falar na língua popular, queira “frescar com a cara da outra”. E a outra às vezes elas fazem isso pra animar a festa, pra brincar. Não pra se agredir! Porque, na verdade, a entidade não tem necessidade de se agredir fisicamente. Então, através disso, que ela faz. Às vezes, a entidade quando ela não quer, vamos dizer, cantar um desafio, ela fica cantando ponto de demanda, pra demandar outro espírito. Isso também acontece. [Grifos meus]

Interessante perceber na fala do babalorixá que há múltiplas possibilidades no momento em que a entidade entoia pontos de desafio: desafiar por brincadeira, por raiva, por aborrecimento entre espíritos, por animação no festejo, por lançamento de feitiços, demandas contra outros espíritos. Recuperando o texto de Nilze Menezes Lino Lago (2007), as pombas-giras trazem em suas cantigas reflexos da vida cotidiana, especialmente das mulheres, onde:

As pombagiras apresentam-se fortes, seguras cantam o enfrentamento ao homem. Contudo, elas se apresentam no ritual com toda a multiplicidade da categoria, manifestando-se também às revoltadas e traídas. “Eu não gosto de homem/ Porque fui traída/ Por isso trago um grande desgosto/ Além de apanhar e chorar/ Quase todos os dias/ Ainda fui marcada/ Na maçã do rosto”. (LAGO, 2007, p.91)

Ou em outros momentos em que os pontos de pomba-gira ressaltam a coragem do gênero feminino em transgredir as regras sociais:

“Quem me dera cordão de ouro/quem me dera cordão de prata/Pombagira na encruza é uma mestra de coroada/no que eu me passei/foi um dia de agonia/os homens todos choravam/e as mulheres aplaudiam/e quando me viram passar/naquele negro caixão/as despeitadas diziam/descansei meu coração”. Nesse caso, a mulher vai encontrar uma espécie de vingança quanto às traições masculinas e quanto à competitividade com as mulheres ou ainda quando a mulher se coloca numa condição de deboche fazendo uso de representações fortes como a palavra zona, referindo-se à “zona de prostituição” como forma de luta com as outras mulheres. Esse canto mostra a dualidade que é necessária na mulher. Aquele velho chavão de diferenciação entre “puta” e “dama”. (Ibid., p.92)

O que se depreende é que espíritos de incorporação femininos, especialmente, pomba-gira, bruxa e cigana (acrescido de mestras e marabaias) estão sempre à disposição de filhos de santo, clientes e curiosos do terreiro. São espíritos que demarcam a sexualidade exacerbada, a faceirice, a feitiçaria e a proteção ao feminino, mas o desejo impresso pelo masculino.

Conforme a análise empreendida por Aguiar e Machado (2017), a figura da pomba-gira, entendida enquanto espírito feminino “Exu-mulher” pelos autores, é investida de uma personificação maléfica, maliciosa, erótica, malfazeja e subversiva por aqueles que insistem em associar Exu orixá, espírito intermediador entre humanos e divindades africanas, ao Diabo mitológico da literatura cristã. Tal associação simplista apenas dificulta entender as pombas-giras como espíritos que estão ali para se divertirem e auxiliarem os consulentes e visitantes em seus problemas de ordem pessoal e/ou coletivo. Para os autores, a imagem da pomba-gira cigana “ameniza” essa imagem corrompida das demais pombas-giras tendo em vista que são espíritos brincalhões, porém ávidas por dinheiro. São elas que dão o suporte necessário aos que necessitam de conselhos financeiros, amorosos e familiares. A figura dengosa, a sedutora da veste vermelha e de cabelos longos e penteados, perfumada e apreciadora de champanhe; esta é a pomba-gira cigana:

Acima de tudo, a cigana representa um perfil de mulher na vida da sociedade brasileira: a prostituta, a criminoso, a sofredora, ou seja, aquela que seguiu determinados caminhos, não por escolha própria, mas por uma imposição do destino (...) Muitas vezes, retira alguém para dançar ou puxa os cabelos de uns, beija seus rostos, diz umas brincadeiras engraçadas ao ouvido de outros, cochichando sobre algo. Pula, senta, roda, cai, derruba e levanta. (AGUIAR e MACHADO, 2017, p.145; 147-148)

Esses espíritos vibrantes, sedutores, que esbravejam, cantam e encantam, distribuem conselhos, ensinamentos e influenciam mulheres e homens por meio de suas biografias marcadas por sofrimentos, lutas, vivências e disputas. Assim, aparece nos refrões dos pontos de desafio, o empoderamento dessas mulheres de forma vibrante, a sagacidade, o molejo, especialmente quando se trata de festejos nos terreiros com a presença dos tambores, o bater das palmas dos participantes, o abrir e fechar dos leques das entidades. Tudo isso somado à diversão que as entidades promovem e o revelar de suas feitiçarias por meio de suas cantigas.

### **Considerações finais: despedida aos espíritos mulheres**

Os pontos de desafio são performances musicais que se integram a outros elementos da vida comum e que dialoga com entidades e seres humanos. Nos dizeres de John Blacking (2007, p.204): “Toda *performance* musical é, num sistema de interação social, um evento padronizado cujo significado não pode ser entendido ou analisado isoladamente dos outros eventos no sistema”. Se trata de histórias compartilhadas entre espíritos mulheres que se reconhecem por meio de suas lutas, perdas, amores rompidos, desenlaces e entregas.

Os pontos de desafio revelam uma relação estreita desses espíritos com os seres humanos e, no entoar das cantigas, toda a complexidade da vida aparece em pontos de chamada (trazer entidades ao ambiente do terreiro), pontos de amarração (trazer o amor de volta), pontos de demanda (lançar feitiço e infortúnios) e pontos de malandragem (desmancha feitiço, sedução e conquista).

Por fim, nos parece pertinente destacar a história que as entidades trazem para o interior dos pontos proferidos por elas que também se inserem no bojo da articulação da vida corriqueira e dos anseios daqueles que procuram uma voz feminina para desabafar, solicitar aconselhamentos ou simplesmente conversar com as amigas do terreiro. Há um ponto de pomba-gira que diz:

*Na família de pomba-gira  
Só não entra quem não quer (2x)  
Maria Molambo, Maria Farrapo  
Maria Padilha, Maria Mulher*

E nessa família todos os que participam dos festejos são convidados a compartilhar para além de bebidas, comidas, também alegrias, gargalhadas e muita diversão. Importante assinalar que são esses espíritos mulheres que, por vezes, definem o tom místico (como o caso das festas anuais de entidades) e simbólicos (exemplo do Chá Cigano dedicado especialmente às mulheres; carnais e espirituais) com suas experiências trazidas de épocas passadas, de suas biografias singulares com narrativas interpretativas da vida, de empoderamentos vividos a partir da escolha de suas sexualidades, dos parceiros sexuais, de valorização do feminino e de autonomia e não submissão aos homens. Acerca do empoderamento, há um ponto de pomba-gira que retrata o sofrimento feminino, todavia o mesmo ponto sugere uma espécie de advertência e uma malícia humana em fazer uso da vingança como estratégia.

*E a mulher não devia chorar  
E a mulher não devia sofrer  
Chorar pra quê chorar  
Se vai lhe pagar  
Tudo o que lhe fez chorar*

Pombas-giras carregam historicidades e memórias de lutas femininas de tempos passados e que nos levam a refletir percepções da vida presente, as relações ambíguas hierarquizadas, relações de dominação patriarcal e submissão feminina, estereótipos de mulher passiva-obediente-do-lar bem como relações amorosas conflituosas e rotina doméstica como problema. Pombas-giras encerram toda uma relação de compadrio simbólico em que elas são amigas e “mães” de todas, todos e todes, madrinhas de relações surgidas em contexto de feitiços e trabalhos espirituais, além de receberem alcunha de “tias” quando mencionadas por crianças que convivem no interior dos terreiros. Elas, de fato, são espíritos mulheres acolhedoras e plurais.

*Exu já bebeu  
Exu curiou  
Exu vai embora  
Que a Umbanda chamou*

*Ê pomba-gira se despede e vai embora (2x)*

*É na boca da mata*

*É na encruzilhada*

*Que ela mora*

*Eu vou me embora feito um passarinho (2x)*

*Vou de galho em galho*

*Desfazendo o ninho*

*Vou me embora pro lado de lá (2x)*

*Se precisar de mim é só mandar chamar*

Mas todo momento bom também tem seu fim. E assim é chegado o momento da despedida. Ao som dos atabaques, espíritos mulheres se despedem daqueles que com elas compartilharam histórias e vivências, ainda que por uma noite. Assim, elas se vão: Laroyê, Exu!

## Referências

AGUIAR, Itamar Pereira de; MACHADO, Ivana Karoline Novaes (2017). A pomba-gira cigana no candomblé do sertão: subversões e peculiaridades em Maracás, Bahia. *Odeere*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade/UESB. Jequié (BA), Ano 2, Vol. 3, N. 3, jan/jun, p. 131-152.

AUGRAS, Monique (2000). De Iyá Mi a Pomba-gira: transformações e símbolos da libido. IN: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. *Candomblé – religião de corpo e alma*. Rio de Janeiro: Pallas Editora.

BARROS, José D'Assunção (2005). Uma cadeia de cantigas de escárnio: uma análise sobre a poesia satírica ibérica do século XIII e suas tensões sociais. Londrina. *Revista de Estudos Literários Terra Roxa e outras terras*. Vol. 6, p.13-28. Disponível em <[www.uel.br](http://www.uel.br)>. Acesso em 10 jun. 2017.

BLACKING, John (2007). Música, cultura e experiência. Tradução de André-Kees de Moraes Schouten. *Cadernos de campo*. São Paulo, N.16, p.201-218.

HILKNER, Regina Rossi; HILKNER, Mauro (2012). Ciganos: um mosaico étnico. In: Congresso Internacional de Pedagogia Social, 4. São Paulo. *Proceedings online*. Associação Brasileira de Educadores Sociais. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br>>. Acesso em 10 jun. 2017.

LAGOS, Nilza Menezes Lino (2007). “Arreda homem que aí vem mulher”: Representações de gênero nas manifestações da Pombagira. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 166p. Mimeo

MEYER, Marlyse (1991). Caminhos do imaginário no Brasil: Maria Padilha e toda a sua quadrilha. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Niterói (RJ), V. 1, N. 1, p.127-166.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes (2012). Queer nos trópicos. *Revista Contemporânea*. Dossiê Saberes Subalternos. São Carlos, V. 2, N. 2, jul/dez, p.371-394.

PRANDI, Reginaldo (1996). Pombagira dos candomblés e as faces inconfessadas do Brasil. In: *Herdeiras do Axé*. São Paulo, Cap. IV, p.139-164. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br>>. Acesso em 10 jun. 2017.

SILVA, Vagner Gonçalves da (2006). *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico na pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

TRAVASSOS, Elizabeth (2007). John Blacking ou uma humanidade sonora e saudavelmente organizada. *Cadernos de campo*. São Paulo, N. 16, p.191-200.

**Recebido em 27/09/2020**

**Aceito em 23/11/2020**